

ISSN 2238-9113**ÁREA TEMÁTICA:**

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

**PREVALÊNCIA DE USO DE MEDICAÇÃO EM IDOSOS PARTICIPANTES DE UMA CAMPANHA
EXTENSIONISTA REALIZADA EM PONTA GROSSA-PR**

Leonardo Ferreira Da Natividade (lfnatividade@gmail.com)**Jefferson Matsuiti Okamoto (okamotojeff@gmail.com)****Matheo Augusto Morandi Stumpf (matheoaugusto@hotmail.com)****Eduarda Mirela Da Silva Montiel (eduarda.montiel@gmail.com)****Gianna Carla Alberti Schrut (gialberti@uol.com.br)**

RESUMO – O envelhecimento da população é uma realidade atual vivenciada por muitos países, incluindo o Brasil. Juntamente a esse processo, há um aumento concomitante da prevalência de uso contínuo de medicações pela população, principalmente à custa dos idosos, que apresentam mais patologias crônicas. Este trabalho se propôs a identificar, em uma amostra de 112 idosos (61,6% homens e 38,4% mulheres), algumas informações referentes ao uso regular de medicamentos. Os dados foram obtidos através do projeto extensionista da Liga Acadêmica do Trato Gastrointestinal e Doenças Metabólicas (LATGIDM) em um evento realizado pelo Dia Mundial da Diabetes Mellitus no ano de 2015. Foi constatado que: 80,4% dos idosos desta amostra fazem uso contínuo de alguma medicação (76,8% dos homens e 86% das mulheres), sendo uma média de 2,37 fármacos por idoso que usa medicação (2,17 para homens e 2,65 para mulheres) e que 70% dos idosos que usam medicação contínua fazem acompanhamento em Unidades Básicas de Saúde (69,8% para homens e 70,3% para mulheres). A prevalência de uso de medicamentos identificada foi bastante alta, porém condizente com a literatura consultada.

PALAVRAS-CHAVE – Uso de medicamentos; Idoso; Prevalência.

Introdução

O envelhecimento generalizado da população, principalmente nos países desenvolvidos, é um efeito direto do aumento da longevidade e da redução das taxas de natalidade que estão ocorrendo desde o século XX (LLOYD-SHERLOCK, 2000). O Brasil, apesar de não estar na vanguarda, é uma das nações que enfrentará uma inversão importante da pirâmide etária nas próximas décadas com um aumento proporcional do número de idosos (NASRI, 2008).

Para a OMS – Organização Mundial de Saúde – em países desenvolvidos, definem-se idosos aqueles com 65 anos ou mais. Já para países em desenvolvimento, como o Brasil, considera-se a idade de 60 anos. Entretanto é sempre válido lembrar que a idade cronológica não é um marcador perfeito para os processos do envelhecimento particulares de cada indivíduo, apesar de ser o mais prático (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE).

O envelhecimento é um processo fisiológico que traz fragilidade e redução da capacidade natural de homeostasia, sendo por isso comum nas idades mais elevadas a presença de múltiplas doenças crônicas, como HAS – hipertensão arterial sistêmica, DM – diabetes mellitus, dislipidemias e outras. O envelhecimento é, portanto, o principal fator de risco para um sem-número de patologias (MARTIN, 2013). Adjunto disso, não é raro que o idoso faça uso de múltiplos fármacos para tratar suas morbidades, alguns com e outros sem orientação médica.

O uso de medicação em uma população é algo que requer muita atenção, pois apesar dos benefícios que os fármacos trazem às pessoas que deles precisam, há importantes efeitos colaterais que muitas vezes são esquecidos pelo paciente ou profissionais de saúde que o atendem. A automedicação traz especial perigo, pois o leigo em geral não sabe os efeitos colaterais e contraindicações de cada medicamento, que até mesmo profissionais de saúde por vezes esquecem.

A automedicação no Brasil é favorecida pela dificuldade de acesso ao médico. Agendar atendimento no serviço de saúde particular é caro e no sistema público, por vezes, é demorado. A alternativa que a população mais pobre encontra é comprar medicação de venda livre nas farmácias, o que colabora com que 35% da medicação vendida no país na década de 1990 seja sem prescrição (AQUINO, 2008).

Estima-se que grande parte do consumo de medicações no país venha dos idosos, o que tem sido apontado pela literatura científica em várias ocasiões (FLORES, 2005). Entretanto há pouca bibliografia no Brasil com dados quantitativos sobre o uso de fármacos na população em geral.

Referencial teórico-metodológico

Para a realização do trabalho, foi utilizado um banco de dados obtido durante dois dias de um trabalho extensionista realizado pela LATGIDM – Liga Acadêmica do Trato Gastrointestinal e Doenças Metabólicas. Em 2015, aproveitando-se do Dia Mundial da

Diabetes Mellitus, os membros decidiram realizar um trabalho de conscientização sobre a doença, focando em prevenção, controle e resolução de dúvidas e questionamentos levantados pelos participantes. Houve primeiramente uma entrevista com coleta de dados sobre as condições de saúde do participante e na sequência foi realizada uma explanação abordando hábitos de vida, principalmente com o foco na alimentação saudável para controle e prevenção da DM.

O evento ocorreu em duas unidades de uma rede de supermercados na Cidade de Ponta Grossa nas datas de 14 e 21 de novembro de 2015 do período da manhã ao começo da tarde.

A LATGIDM é uma liga da UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa fundada em 2015 com participação de acadêmicos de medicina e docentes. Ela tem por finalidade aprimorar o conhecimento dos alunos e debater um problema despertado pelo padrão alimentar moderno, as doenças metabólicas e suas relações com o trato gastrointestinal humano. A inserção dos acadêmicos na comunidade e o desenvolvimento de projetos de pesquisa na área médica são também proposições importantes da LATGIDM (OKAMOTO, 2015).

Embora o tema “uso de medicação” não esteja exatamente entre os objetivos da liga, o evento de conscientização da DM foi uma porta de entrada para que outros campos também pudessem ser abordados. No questionário aplicado aos participantes foi então adicionado um campo em que era possível escrever as medicações em uso pelo indivíduo. Também é de conhecimento que os idosos em geral acabam utilizando mais remédios do que as pessoas de menor idade (FLORES, 2005). Pela importância e pela escassez de trabalhos abordando tal tema na região dos Campos Gerais, ele foi escolhido pelos autores para ser tratado neste trabalho.

Para os valores aqui apresentados, ainda só foram considerados os fármacos que os pacientes sabiam nominar. Foram desconsiderados aqueles que o participante relatou um nome não condizente com nenhum fármaco no mercado brasileiro ou quando ele não sabia o nome ou quantidade de medicamentos que utilizava. Nestes casos o participante foi contado como quem faz uso de medicação contínua, mas marcado como usuário de apenas 1 fármaco.

Resultados

Um estudo realizado em Porto Alegre – RS entre 2001 e 2002 com uma amostra de 215 idosos constatou uma prevalência de uso de medicação de 86% (FLORES, 2005). No presente trabalho, a amostra total, incluindo não idosos foi de 285 pessoas, das quais 192 (67,4%) relataram o uso de ao menos 1 medicação contínua.

A amostra estudada apresentou 112 pessoas com 60 anos ou mais. Dentre elas 69 são homens (61,6%) e 43 são mulheres (38,4%). Dos idosos, 90 indivíduos (80,4%) relataram o uso de ao menos uma medicação contínua, perfazendo uma média de 2,37 medicamentos diferentes por pessoa acima de 60 anos que relatou uso de medicação.

Por sexo, ainda são identificáveis que dos homens idosos: 53 (76,8%) utilizam ao menos 1 medicamento continuamente, e dentre os que utilizam há uma média de 2,17 fármacos por pessoa. Para as mulheres idosas, 37 (86%) fazem uso contínuo de ao menos uma medicação, havendo uma média de 2,65 medicamentos por pessoa que utiliza ao menos 1 fármaco.

Outro dado, também de grande importância, é de que dos 90 idosos que relatam fazer uso contínuo de alguma medicação, 63 (70%) fazem acompanhamento em UBS – Unidades Básicas de Saúde. Para os homens: 37 (69,8%) e para as mulheres: 26 (70,3%).

Considerações Finais

O valor identificado da prevalência de uso de medicação de uso contínuo no idoso (80,4%) foi muito próximo ao encontrado no estudo realizado no município de Porto Alegre (86%). Ainda é importante levar em conta que pelos dados serem autorreferidos, é possível que haja uma pequena subestimação do real valor, podendo o montante exato ser mais próximo ou até maior que o do estudo realizado no Rio Grande do Sul.

A média de medicações por idoso (2,37) reflete a realidade das pessoas de maior idade, que geralmente utilizam medicações para mais de uma patologia, ou ainda, múltiplos fármacos para uma única morbidade que não foi controlada com um só medicamento.

O dado de que 70% dos idosos que fazem uso de medicação também fazem acompanhamento em UBS é positivo, pois demonstra que há confiança no sistema público de saúde. Entretanto seria importante realizar o questionamento de quantos dos demais 30% dos idosos que usam medicação continuamente fazem acompanhamento na saúde particular e quantos utilizam os fármacos sem regular orientação médica.

As diferenças por sexo podem ainda refletir a menor importância que o homem tem para o cuidado com a saúde, pois há uma maior média de uso de fármacos por mulheres, além da prevalência maior de uso de medicação autorreferida nas mulheres (86% contra 76,8%).

O presente artigo demonstra uma alta prevalência de uso de medicação na população idosa dos Campos Gerais. Embora, por se tratar uma amostra demasiadamente pequena, este resultado não pode ser extrapolado e inferido que esse padrão se repita para todo o município de Ponta Grossa. Entretanto os autores esperam que este trabalho sirva como um estopim para que ocorram mais pesquisas com este tema na cidade, de forma que a prevalência do uso contínuo de medicação seja precisamente identificada.

Referências

- AQUINO, Daniela S. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** Ciência e Saúde Coletiva. v. 13, 2008.
- FLORES, Liziane M; MENGUE, Sotero S. **Uso de medicamentos por idosos em região sul do Brasil.** Revista Saúde Pública. v. 39, 2005.
- LLOYD-SHERLOCK, Peter. **Population ageing in developed and developing regions: implications for health policy.** Social Science & Medicine, v. 51, 2000.
- MARTIN, George M. **Biologia do Envelhecimento.** In: LONGO, Dan L; et al. Medicina Interna de Harrison. 18ª ed. Porto Alegre: AMGH, p. 774-776, 2013.
- NASRI, Fabio. **O envelhecimento populacional no Brasil.** São Paulo: Revista Einstein v. 6, 2008.
- OKAMOTO, Jefferson M; et al. **Apresentação da Liga Acadêmica do Trato Gastrointestinal e Doenças Metabólicas.** In: CONEX, 13, 2015, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: 2015. Disponível em: <http://sites.uepg.br/conex/?page_id=323>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Active Ageing: A Policy Framework.** 2002.